



O JUDEU ERRANTE

A MATERIALIDADE DA LENDA

Jerusa Pires Ferreira*

Esse tema é tão forte que atravessa as várias literaturas e tem no universo das culturas tradicionais e populares um espaço garantido.

Qualquer glossário ou dicionário da literatura universal o traz, em extensas explicações, estabelecendo muitas analogias com outros temas e nos levando a seguir a narrativa (*mythos*) através de muitos meios e suportes, na voz, no impresso, no drama.

O *Dicionário de Argumentos da Literatura Universal* traz um claro e extenso verbete, no qual comparecem várias realizações da lenda em diversos espaços europeus¹.

O que nunca fica omitido, no caso das versões que nos transmitem esta história, fragmentos de histórias ou cenas do judeu errante é o peso da punição, o viés maldito, danação por toda a eternidade. Deve-se porém levar em conta que a este herói se confere sempre a força da rebeldia e a virtude da esperança. Foi dito que Ashver (um dos nomes dados ao judeu errante²) não é apenas um sapateiro da Via Dolorosa, que afastou Jesus de sua porta e que foi amaldiçoado pelo rabi, sendo condenado a perambular pelo mundo, dando a volta à terra. Ele é também o antípoda de Lúcifer, pois diferentemente dele vive sempre a esperança de modificar a situação em que se encontra.

Não é difícil aproximar o tema e estas histórias das do Fausto, associando-se às noções de desafio, rebeldia, busca de conhecimento e posterior castigo, e admitindo-se em alguns casos a salvação. Prometeu e o Holandês Voador são associações muito frequentes.

Mas, se para nós se torna importante acompanhar a composição e os tópicos

que compõem a lenda ou a ela se relacionam, o que conta é não perder de vista a recepção e as expressões de um "mito" que se materializa através de textos concretos, que o vão perpetuando. Mais uma vez nos encontramos diante de uma verdadeira rede textual ou até de um grande texto cultural, se considerarmos, em seu conjunto, as muitas criações deste tecido lendário.

Situamo-nos diante de uma rede de edições e de referências, de etapas sucessivas do oral/escrito/oral, enfim de um complexo verbal e visual que, em outras ocasiões, tenho denominado "Matrizes impressas" do imaginário. São imagens que passam pela descrição verbal ou pelo conjunto de ilustrações que nos revivificam a memória, com a presença marcante dessa figura.

Ao focar a lenda do judeu errante, diz-nos Gaston Paris³ que a força de sua propagação não é tão intensa por via oral quanto o é por via da letra. Creio que as duas vertentes transmissivas se reuniram e que os materiais têm, em si, este destino, misturando condições de letra e voz. Acredito, como disse, na eficácia da transmissão impressa dos ícones verbalizados e nas imagens das ilustrações. Este autor nos fala ainda da remissão bíblica a Caim - vagabundo e fugitivo sobre a terra - e de uma lenda árabe, de um viajante sem trégua.

Sabemos da força que tem o tema no Romantismo, merecendo uma acolhida especial entre os nossos poetas românticos, como é o caso de Castro Alves que, inclusive em *Mocidade e Morte*⁴ nos remete à figura maldita de **AHASVERUS**. A partir do século XIX, intensifica-se o conjunto de edições que trazem ou enfocam o personagem Errante, símbolo da tragédia dos judeus.

É o grande momento do folhetim, e Eugene Sue se encarregaria de levar ao mundo,

em fascículos, a história, numa versão bem original e ideológica.

No prefácio ao *Judeu Errante* de Sue⁵, por François Lacassin, se lê que o sucesso financeiro deste autor se amplia bastante com este livro - *Le juif errant* - e que Balzac faz ironia chamando a obra de *le suif errant*. O fato é que juntamente com *Les Mistères de Paris*, fica demarcado um apogeu do "gênero" folhetinesco. Comenta também que Eugène Sue iria chocar ainda bem mais o *stablishment* com o judeu errante do que o fizera antes. Este romance não se limitou a renovar a denúncia do sistema social, acrescentando ao processo do poder econômico questões relativas ao poder espiritual: escolhe a Companhia de Jesus como o grande responsável. O judeu errante vê o triunfo da injustiça, a peregrinação do poder social, exercido de modo oculto e malfeitor.

Em seu excelente livro sobre o folhetim⁶, Marlyse Meyer destaca o sucesso desta obra em 1844, que põe em relevo os perseguidos do sinistro jesuíta Rodin e comenta a existência de onze edições sucessivas do livro de Sue. Ora, é preciso considerar que um negócio editorial dessa ordem, a edição de um texto assim, implica em enorme demanda por parte do público leitor e, naturalmente, haveria de gerar o interesse pelo tema e a re-articulação de outros textos e histórias, alcançando diretamente, também, o público brasileiro. Ela lembra que Gramsci nos fala da leitura do *Judeu Errante* como uma prática corrente na Itália.

Note-se que o mito do judeu errante sintetiza, por um lado, a dispersão pelo mundo, e se espalha conseqüentemente por quatro cantos da terra, personificando a "nação judaica". As ações de esconder-se, vagar, perambular sem pouso, resignar-se têm a sua contra parte em desvendar, descobrir, transgredir e integrar. Nesta direção,

vale a pena referir ao livro de Jacó Guinsburg - *Aventuras de uma língua errante*, associando o idisch ao composto deste mito e o de Henri Meschonnic, *Jona le signifiant errant*⁸, em que o autor parte das parábolas de Jonas para construir uma crítica do significante judaico. Já os teólogos cristãos tomaram a história (vaga) para fazê-la repercutir junto ao povo como história de proveito e exemplo ou o conto, remetendo sempre ao castigo ou à conversão. Alguns tentaram dizer que o judeu errante era Malchus, a quem São Pedro cortou a orelha no jardim das Oliveiras, e já houve quem o associasse ao mau ladrão.

Costumava-se perguntar aos viajantes que retornavam da terra santa se eles teriam encontrado ou não o judeu errante. Na Idade Média consta que uns respondiam sim e outros não mas havia, de fato, toda didática do mistério e do intimidamento e, ao mesmo tempo, um grande interesse e curiosidade pela figura.

Atesta-se grande produção de textos orais⁹, de *complaintes* (como *A vinda do Judeu Errante*, 1604) que, cantados, anunciavam a vinda deste personagem e também a repetição sucessiva da lenda na boca dos peregrinos. Em verso e prosa, escrito/oral ou oral/escrito, o judeu errante continuava a peregrinar, metonímia incansável.

Um detalhe interessante é o fato de ignorarmos o nome que ele traz. Aqui neste território tudo é movente e fugidio, e a língua que ele fala é indefinida.

Nesse conjunto de textos, o personagem pode ter os mais diversos nomes como: Isaac Laquedam, Cartaphilus, Joseph, Ahasverus:

"Isaac Laquedem
Pour nom ne fut donné,
Né a Jérusalem
Ville bien renommée

Oui cest moi, mes enfants,
Qui suis le juif errant".

Mas o que importa é sobretudo a travessia, no sentido em que usou Guimarães Rosa. A travessia e a imortalidade estão em causa, para além da errância.

O retrato do judeu errante foi reproduzido pelos artistas do mundo da edição popular, fosse em Metz, Montbéliard, Nancy, Troyes, sendo transmitido por incontáveis variantes.

Complaintes eram cantadas nas feiras e nos mercados e portanto também publicadas, como parte deste grande circuito oral/escrito. Menciona-se uma *complainte* publicada em Bordeaux em 1609 e mais tarde em 1642.

É muito popular a *Histoire Admirable du juif errant*, que Charles Nisard acusa em seu inventário da literatura de colportage¹⁰. Este complexo conjunto oral/escrito/ dramatizado repercute em peças, no teatro popular e na ópera, mas aponta-se como sendo a mais popular e conhecida destas canções a *Chanson de Béranger*.

"Je suis, je suis le juif errant/ Qu'un
tourbillon toujours emporte/ Sans vieillir,
accablé des jours/ La fin du monde est mon
seul rêve/ Chaque soir, j'espère toujours/ mais
toujours le soleil se lève..."

A grande matriz oral vai se reunindo sempre à matriz impressa e aí destaca-se o universo visualizante das representações plásticas. Por exemplo, ao falar do tema não se pode omitir a gravura popularesca e popularizada de Gustave Doré¹¹, plasmando com dramaticidade e representação do personagem lendário.

No mundo popular, no imaginário medieval, a figura do judeu errante teria muitos

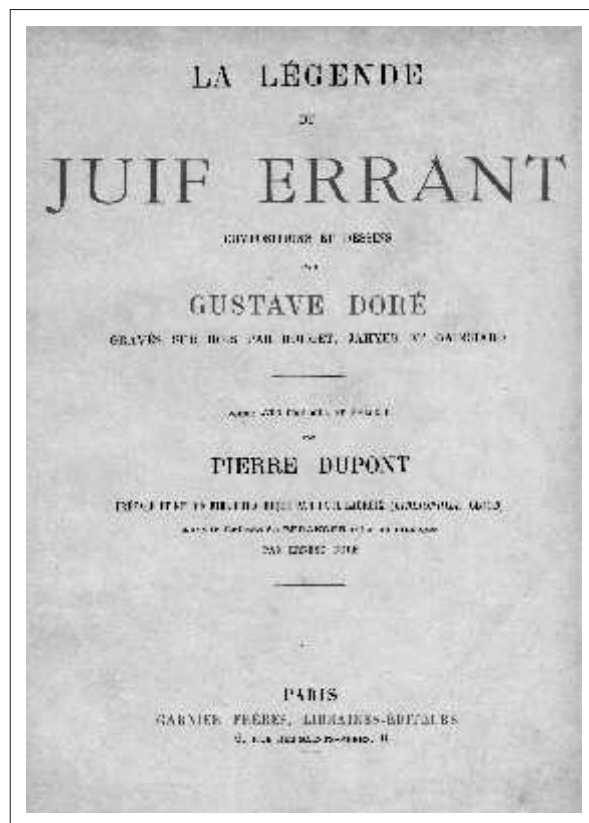
componentes necessários para a fixação que permitiu sua transmissão contínua. A noção do castigo, confirmada pela ronda, a concepção fantasmática do homem que não morre, a travessia que se liga à idéia de peregrinação, a imagem do venerável velho-homem, aquele que testemunhou todos os males e guerras, e a suposição de que só o juízo final vai acabar com o tormento.

O autor da notícia bibliográfica citada nos diz que a organização consistente da lenda do judeu errante, alegoria e personificação da nação judaica, é anterior ao século XII. Corre o relato de que um arcebispo armênio contou ter conhecido pessoalmente Cartaphilus, que inclusive sentou-se à mesa com ele. Outros relatam que encontraram em seu caminho o J. E, que falava um bom espanhol, confirmando assim o traço cosmopolita e universal. É também dito que os camponeses da Bretanha e Picardia, diante dos temporais e ventos fortes apontavam: "é o judeu errante que está passando".

Registra-se no mundo da língua francesa uma série de textos que falam da aparição do judeu errante. Em 1774, 22 de abril, às 6 horas, conta-se que o judeu errante passou por Bruxelas e por Brabante. E o que é notável é saber que esta data e esta passagem ficaram fixadas numa grande quantidade de imagens e gravuras em madeira.

Na literatura de Cordel

O poeta popular brasileiro recebe dos textos impressos ibéricos a história que contém a punição e constrói o seu texto que é, em geral, um recurso de conversão ao Cristianismo. Liga-se o judeu errante ao Anti-Cristo e trata-se de fazê-lo maldito, a qualquer custo. Não contam o aspecto filosófico da lenda, a errância, a travessia, a condenação pela rebeldia. Aqui, em cena, a partir



de matrizes textuais concretas, o judeu que avilta Cristo, discurso de que se aproveita a prática religiosa cristã. Este é um ponto muito interessante de se acompanhar. Porque a atitude do poeta popular, ao situar-se sobre determinados personagens que ele deveria acusar e cobrir de opróbrio é sempre a de estabelecer uma ambigüidade fundamental. Assim é, por exemplo, o caso de Lampião: constantemente acusado como bandido mas defendido como salvador; o próprio São Pedro, figura tão ligada à tradição gnóstica, tanto pode ser um severo capataz como apenas um "enxerido". Há, inclusive, um castigo paralelo ao do judeu errante, aquele de vagar por toda a eternidade, atribuído à mãe de São Pedro, condenada e sem poder entrar no céu, castigada por ser inconveniente e falar demais.

Um poeta romântico alemão, Schubardt¹², escreveu uma rapsódia lírica do judeu errante, traduzida por Gerard de Nerval, e em que o judeu errante é aproximado das noções de magia

e de feitiçaria, o que também ocorre no mundo de nossa literatura de folhetos populares.

Uma pesquisa mais prolongada, naturalmente, fará com que encontremos outros títulos, mas no momento destaco alguns deles:

- *O judeu errante* de Severino Borges, romance excepcionalmente longo (40 páginas) e que provém diretamente do romance popularesco de que falaremos com mais detalhes, *O Mártir do Gólgota*, do escritor espanhol Perez Escrich.

Ao começar o seu folheto ele diz "ser o quadro mais tocante/ que minha pena escreveu". Fala-nos em seguida dos personagens, nominando-os:

"Foram 3 judeus errantes/ O Sámer foi o primeiro/ o segundo foi Catafílio/ Samuel o terceiro/ passou a judeu errante/ na vida de sapateiro".

O poeta situa o judeu como o perseguidor de Cristo, e configura-o como "monstro da apostasia". Segue-se a descrição do escárnio dos judeus pelo sofrimento de Jesus e a condenação ao judeu, que teria partido de Cristo, e que é aí apresentada, em forma de diálogo:

"Pedi água e não me deste/ nem sombra nem parreirais/ e mandaste que andasse/ mas tu agora andarás/ até o final dos séculos/ sem ter sossego nem paz". E continua: "até minha volta, tu terás de andar errante/...alma do tronco do mal/ vagarás mundo afora/ até o dia final".

E a cena prossegue, em dramatização intensa, quando uma voz acusadora, na consciência, o chama de maldito:

"Mais de mil vozes gritavam/ anda, infeliz sem valia/ Samuel louco assombrado/
Por todo canto corria/ mas onde ele chegava/
só era a voz que ouvia/".

É o próprio São Gabriel que lhe entrega o bastão de viajante, dizendo-lhe: "anda maldito". Numa seqüência enumerativa, coloca seu

personagem como propiciador do mau agouro:

"dizem que ele tem passado/ por mato, praça e ermida/ vila, beco, esquina e rua/
cabaré, baile, avenida/ e quem se encontra com ele/ tenha cuidado na vida".

O Mártir do Gólgota, do escritor espanhol Perez Escrich foi o texto de apoio ou o contra-texto, a partir do qual se criaram vários folhetos. Algumas obras deste escritor popularesco tiveram grande difusão no universo da poesia popular brasileira.

- *A vida do judeu errante*, de Manoel Apolinário Pereira, começa assim:

"Tirei do Mártir do Gólgota/ um romance interessante/ de Samuel Belibeth/
soldado e negociante.../ a vida do judeu errante".

Deve ter repercutido, na imaginação dos poetas que versaram a história, a vivacidade da representação dos escárnios a Jesus, os esqueletos e outras visagens de terror, bem como o suposto diálogo com Jesus:

"Bem Samuel Belibeth/ poderás te preparar/ eu logo descansarei/ tu andarás sem cessar/ até que eu volte ao mundo/ para o povo julgar/ .../ Tu não terás mais sossego/ de agora por diante/ preparas tuas sandálias/ que



serás um viajante/ e o povo vai chamar/ a ti de judeu errante".

Há nesta versão popular nordestina a sonoridade e o clima das *complaintes* francesas:

"Os esqueletos no bosque/ gritavam pra toda banda/ ou Samuel Belibeth/ anda, anda, anda".

O interessante nesta literatura popular oral/impressa é que estes folhetos sobre o judeu errante ou histórias exemplares de judeus são de longo fôlego, ou seja de mais de 32 páginas, ao contrário dos folhetos mais correntes agora, que vão sendo quase todos de 8 e no máximo 16 páginas. Isto nos indica, claramente, que para além da memória episódica e dos fragmentos de criação há um texto-matriz, que garante os vários passos da criação, como é explícito, nesse caso, *O Martir do Gólgota* de Perez Escrich.

Delarme Monteiro da Silva é um dos melhores poetas da nossa literatura de folhetos. Em *O Filho do Judeu*, ele relata a história de um banqueiro da cidade de Verona. Trata-se de um judeu rico que pede a mão da filha de um cristão endividado, a quem bondosamente perdoa as dívidas, o que não o salva de ser chamado de "judeu repugnante". Nesta história, cuja matriz textual não é tão clara, o conflito de cristãos e judeus é seguido, sendo a conversão final a única

proposta possível. E o poeta, em certo momento passa a defender o herói/vilão e diz: "ele era judeu de sangue/ mas de cultura elevada".

Os folhetos enfocados nos mostram, no corpo de nossa rica e ainda viva literatura popular, a manutenção de uma tradição e, ao mesmo tempo, apontam para a continuidade do preconceito, apesar das ambigüidades em que se situa o poeta popular, como é o caso de Delarme Monteiro da Silva.

Quanto ao desenvolvimento de *O judeu errante*, de modo geral, entre outras personagens errantes, condenadas a vagar como as almas penadas, tem-se uma inflexão mítica ancestral, a perder de vista.

Na medida porém em que se coloca o judeu como o perseguidor de Cristo, trata-se de uma outra questão. Entranha-se na cultura nordestina, e não apenas na cultura popular, a partir do próprio discurso persuasivo da igreja - rumo à conversão, ao longo de séculos, o viés da punição.

Ainda mais profundamente discriminatória e preconceituosa é a situação em que as duas correntes se fundem e a alegoria do judeu errante é encampada, para conduzir um grande texto moralizador e de conversão, que continua a ecoar no universo popular brasileiro.

Ao falar de materialidade da lenda, nos referimos, como se vê, a algo mais do que aos chamados arquétipos. Situamos as matrizes impressas e orais que continuaram a transmitir pela palavra, pelos sons, pela imagem uma figura que é captada para responder pelos impasses do homem e da vida social.



* Prof^a da ECA-USP e do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP e coordenadora do Núcleo de Poéticas da Oralidade, PUC/SP. Autora, entre outros, de *Cavalaria em Cordel*, SP, Hucitec, 2^a ed.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - FRENZEL, Elizabeth. *Diccionario de Argumentos de la Literatura Universal*. Madrid, Ed. Gredos, 1976. Cf. Judio Errante. Remete aí a Schoebel. *La légende du juif errant*. Paris, 1877.
- 2 - HEYM, Stefan *Ahasver*. Rio, Ed. Francisco Alves, 1984.
- 3 - PARIS, Gaston. *Légendes du Moyen Age*. Paris, Hachette, 1904.
- 4 - CASTRO ALVES, *Obras Completas*, em suas várias edições.
- 5 - SUE, Eugène. *Le juif errant*. Paris, Ed. Robert Laffont, 1983 / col Bouquins/. Cf. prefácio de Francis Lacassin.
- 6 - MEYER, Marlyse. *Folhetim*. São Paulo, Cia das Letras, 1996. Cf. Referências ao judeu errante. Pgs: 31, 63, 72, 77, 79, 201, 211, 284, 287-7, 312, 380, 397, 415. Cf. referências a Gramsci.
- 7 - GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1996.
- 8 - MESCHONNIC, Henri. *Jona et le signifiant errant*. Paris, Gallimard, 1981.
- 9 - *La légende du Juif Errant*. Compositions et dessins par Gustave Doré. Poème avec prologue et epilogue par Pierre Dupont. Préface et notice bibliographique par Paul Lacroix (Bibliophile Jacob); avec la Ballade de Béranger, mise en musique par Ernest Doré. Paris, Garnier Frères, s/ind. data. A edição pelos seus elementos decorativos, indica ser do começo do século e foi trazida da Rússia pela família de Boris Schnaiderman.
- 10 - Conferir ilustração.
- 11 - NISARD, Charles. *Histoire de Livres Populaires*. Paris, Maisonneuve & Larose (s/d).
- 12 - SCHUBARDT, Chistian Friederich, organista, compositor e poeta. Stuttgart (1739-1791), levou uma vida boemia e foi preso por motivos políticos de (1777-1791). Poeta muito popular (Sturm und Drang) deixou *Poemas* muitos deles musicados por Schubert.
- 13 - PEREZ ESCRICH, Enrique (1829-1897) romancista e dramaturgo popular espanhol, que publicou *O pároco da aldeia*, *A caridade cristã*, *O Martir do Gólgota* e outros textos de grande divulgação.



FOLHETOS CITADOS

- *O Judeu Errante*. Autor: Severino Borges da Silva. Editores proprietários: Filhas de José Bernardo da Silva. 40 p.
- *A vida do Judeu Errante*. Autor: Manoel Apolinário Pereira. Editor Folhetaria Luzeiro do Norte de João José da Silva. Cf. Acróstico e sem indicação de data, 32P.
- No começo se lê: "interessante romance de Luta, Mistério, Paixão e Morte. O Tratado de vida de um Judeu Errante que desconhecia a Deus e desobedecia todos Seus mandatos, - Romance extraído do Martir do Golgota...".
- *O Filho do Judeu*. Autor: Delarme Monteiro da Silva. S/ind. editor. S/ data, 44 p.